

...área de risco né, cada um já... trezent..., quatrocentas famílias já está nos seus lugares, né? Tá faltando mais umas duzentas ou trezentas pra ver o que é que a Cohab e a Prefeitura vai fazer com esses moradores, que ainda continuam na área de risco, né? Então a gente ainda tá lutando ainda, pra ver, né? Vamo ver esse ano o que é que a Prefeitura vai falar com o resto dos moradores que estão no lugar ainda em área de risco, pra eles resolverem. Mas a minha vida aqui é assim.

Lutar.. não é só por moradia né. Eu saio, eu vou... eu tô... eu tomo conta de uma senhora aqui de 85 anos, ela não tem ninguém, ela ia ficar jogada, eu trouxe ela pra minha casa, ela tá aí em baixo, certo? Ela tem 85 anos. Então, se precisa ir pro... tá doente, pro hospital, eu vou, levo ela, fico lá, aí quando ela vai precisar de ficar internada eu não posso ficar lá, né?. Aí eu venho, mas vou fazer a visita. Já internei outra senhora, a outra senhora ela tinha uns quase 90 anos, a filha não conseguia um asilo pra ela, eu fui conseguir um asilo no interior... lá na divisa de Minas, sabe onde é a Mococa? Mococa? É praquelas banda ali, eu sei ir... agora... não lembro assim o nome do lugar, tá? Quer dizer, não foi só, eu sozinha que arrumei, junto com a assistente social e um vereador. Aí nós conseguimos o local pra ela, o asilo, ela ficou lá, não tinha ninguém, mas mesmo assim uma vez por mês eu ia visitar ela até o dia que Deus levou. Mas eu ia visitar ela lá. É que aqui eu não sei onde é que tá as foto dela, eu tenho as foto dela que eu ia e tirava, sabe? Eu gosto de fazer as coisas, não é pra mostrar, pra me engrandecer não, sabe? É pra mostrar o que eu fiz e com aquela pessoa que não tinha ninguém, aonde ela foi. Então eu tirei foto dela, como eu tenho essa senhora aí também, a mesma coisa. Então minha vida é essa aí. Eu faço as coisas...

Se um morre, vem bater na minha porta “Ai, Dona Ginalva eu não posso fazer o enterro, como é que eu vou”... “Ói, pega todos os documento, vai lá na Setec e fala que é pela Prefeitura, agora a única coisa que eles não fazem, é flores, então vocês têm que levar flores que é pra enfeitar o caixão.” Que o caixão que eles enfeitam é com aqueles pé de... como é que fala? De... ai, eu esqueci o nome da árvore. Aí, né, eu peguei, aí eu falo pra elas né. “Aí, vocês vão e faz isso”, aí quando eles vêm fala assim “Ai, Dona Ginalva, eu queria ver, e o enterro, não tem uma condução?” A gente vai vê se consegue a condução de graça. Não consegue. Então a gente vai fazendo um abaixo-assinado, aí a gente fala “Cê dá o que puder”, aí todo mundo dá, é um dá um de um real, dois real, outro dá dez, outro dá cinco e assim a gente faz a...o preço da condução, aí o ônibus pára e leva todo mundo. Mas minha vida é assim. E também não é só isso, como também a escola, a educação, se a pessoa precisa da assistência social, eu vou encaminhar, eu procuro, falo, trago a assistência social no local pra ela ver as condições daquela pessoa. Então, o meu trabalho é esse aí. Não é só dizer que é só moradia. Primeiro a gente vai pela moradia, mas depois vem a educação, saúde, que é o principal. Então, a minha vida é essa... tá? Não tô olhando se é, se tá com chuva, se tá com sol, não quero nem saber. Viu, não quero nem saber, se é com chuva, se tem chuva, se tem sol, eu vou embora, não tô olhando também se é de dia, se é de noite, pode ser a hora que for, não tem importância, bateu na porta eu vou atender, certo?